PLANTANDO A SEMENTE DA PESQUISA: RELATO DA APRESENTAÇÃO NO QUILOMBO DE JUREMA

Iara de Oliveira e Oliveira
Universidade do Estado da Bahia, Caetité, Bahia, Brasil
iaraoliveiraeoliveira@gmail.com
Fausta Porto Couto
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, Bahia, Brasil
fcouto@uneb.br

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB

FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES(AS) PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA, ÉTNICO-RACIAL, INTERCULTURAL, DECOLONIAL, ANTIRRACISTA, FEMINISTA E AMBIENTAL NO CONTEXTO DA AMÉRICA LATINA

Resumo

Este relato de experiência descreve a primeira apresentação do projeto de pesquisa de mestrado à comunidade quilombola de Jurema, em Palmas de Monte Alto – BA, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagens e Sociedade. Intitulado "Educação Financeira e Mulheres Negras: um estudo sobre as estratégias de sobrevivência e autonomia no quilombo de Jurema", o projeto foi apresentado no dia 06 de junho de 2025, na sede da associação comunitária local. O encontro reuniu cerca de 25 participantes, incluindo mulheres, homens, jovens e o patriarca da comunidade, e teve como foco o diálogo aberto e a escuta ativa sobre os objetivos da pesquisa, as práticas e desafios relacionados à educação financeira e à autonomia das mulheres quilombolas. A experiência marcou um momento inicial de conexão entre saberes acadêmicos e tradicionais. Foi discutido, portanto, o sentido do território e de uma pesquisa comprometida com o diálogo, o respeito e a construção coletiva do conhecimento.

Palavras-chave: Quilombo de Jurema; mulheres negras; educação financeira; escuta comunitária; saberes tradicionais.

1 Introdução

A proposta deste relato é compartilhar a experiência da apresentação do projeto de pesquisa de mestrado à comunidade quilombola de Jurema. A pesquisa está vinculada ao Programa de pós-graduação em Ensino, Linguagens e Sociedade e é intitulado "Educação

Financeira e Mulheres Negras: um estudo sobre as estratégias de sobrevivência e autonomia no quilombo de Jurema, Palmas de Monte Alto-BA". Destacamos a importância do diálogo com o território de origem, a escuta das mulheres negras quilombolas e a construção coletiva de saberes sobre educação financeira e estratégias de sobrevivência. Buscamos, ainda, refletir sobre as implicações e impactos afetivos, políticos e metodológicos desse momento para o desenvolvimento da pesquisa.

Essa apresentação marcou um momento simbólico e afetivo de retornar ao local de origem de uma das pesquisadoras, momento que contou com a participação da liderança ancestral mais velha do quilombo, de mulheres e homens em uma manhã recheada de escuta e aprendizagem, quando aconteceram trocas potentes de saberes, evidenciando o quanto estes espaços são importantes no processo da pesquisa.

O primeiro momento foi marcado pela apresentação das participantes, a orientadora contou sua história de vida com o campo e a importância da família nesse processo, bem como das pesquisas realizadas nesses espaços não formativos. Durante a fala, houve intervenções de Seu João de Oliveira, 91 anos, o patriarca do quilombo, que contou um pouco da sua história e, conjuntamente, a da comunidade, deixando o momento mais acolhedor e participativo. Além das memórias do patriarca, também ecoaram fortemente as vozes das mulheres, que compartilharam experiências de luta, resistência e cuidado no território.

Para iniciar, produzimos um folder informativo para os participantes, o qual trazia a temática, algumas definições sobre os assuntos abordados, para facilitar a visualização de maneira prática do nosso objetivo de pesquisa. Durante o encontro, realizamos uma breve apresentação da pesquisa, compartilhamos os objetivos, a relevância da temática da educação financeira para a autonomia das mulheres negras e quilombolas, e os caminhos metodológicos que pretendo seguir no processo da pesquisa. A escuta da comunidade foi essencial: surgiram falas que reforçaram a urgência de discutir o acesso à renda, os desafios do cotidiano e os saberes que já circulam entre as mulheres como formas de resistência econômica.

Posteriormente, abrimos espaço para um momento de perguntas, relatos e reflexões acerca da vida no quilombo, o que resultou em uma rica troca de experiências. Dentre as falas, destacou-se a contribuição do senhor João Oliveira, patriarca da comunidade, com 91 anos de

idade. Além de participar ativamente da reunião, ele demonstrava, com gestos simples, a presença viva da ancestralidade no cotidiano: cuidava das netas na casa do filho enquanto os pais estavam na roça e, ao se ausentar momentaneamente da roda, fazia questão de justificar sua saída, reforçando o valor do coletivo e do respeito mútuo. Esse gesto, repleto de significado, tornou o momento ainda mais bonito e potente, evidenciando como os laços ancestrais sustentam e orientam a vida na comunidade.

Durante os diálogos, emergiram questões centrais como a desvalorização das vendas de produtos feitos dentro do próprio quilombo, os desafios enfrentados na comercialização e a importância crescente das redes sociais como ferramenta para ampliar a visibilidade e circulação dessas produções. As falas dos homens e mulheres presentes também evidenciaram a necessidade de fortalecer a comunicação entre os membros da comunidade e de promover práticas de planejamento econômico, individual, familiar e coletivo. A partir disso, houve uma reflexão sobre as possíveis potências econômicas do quilombo, considerando suas práticas, saberes e produções já existentes.

Além disso, o encontro trouxe à tona relatos profundos sobre a vivência de ser mulher quilombola, marcada por múltiplas intersecções de raça, gênero e território. As falas revelaram não apenas os desafios cotidianos, mas também a força da coletividade como caminho para a autonomia econômica e social da comunidade. Homens e mulheres presentes reforçaram a importância da união e da construção coletiva como estratégias para o fortalecimento do quilombo.

O momento foi marcado pelo encontro entre saberes acadêmicos e conhecimentos tradicionais, pela escuta coletiva e pelo fortalecimento dos laços entre pesquisadora e território. Ao compartilhar essa experiência, buscamos evidenciar a importância da construção de uma pesquisa comprometida com a realidade local e orientada por práticas de diálogo, afeto, ancestralidade e uma escuta sensível.

2 Caracterização do espaço formativo

A atividade foi realizada na sede da Associação Comunitária Quilombola de Jurema, localizada na zona rural de Palmas de Monte Alto – BA, espaço de referência para os encontros coletivos da comunidade. O ambiente formativo foi marcado por acolhimento, escuta e diálogo,

características fundamentais para a construção coletiva do conhecimento. A reunião ocorreu no dia 06 de junho de 2025, das 9h às 10h30, e contou com a participação da mestranda Iara Oliveira, da professora Dra. Fausta Porto (orientadora do projeto de pesquisa), do motorista da UNEB – DCH Campus VI, Seu Jackson, do presidente da associação comunitária, além de mulheres e homens da comunidade, e algumas crianças e jovens. Por ter sido realizada em uma sexta-feira pela manhã, a participação de crianças e adolescentes foi limitada, devido ao horário escolar. Ao todo, estiveram presentes aproximadamente 25 participantes.

As atividades foram organizadas em dois momentos principais: a apresentação da proposta de pesquisa, com duração aproximada de 15 minutos, e o diálogo coletivo com a comunidade, no qual foram levantadas questões, dúvidas, reflexões e relatos sobre a vida no quilombo, com foco nas estratégias de sobrevivência, educação financeira e autonomia das mulheres negras quilombolas.

Ao final da roda de conversa, houve a entrega de canecas personalizadas com o tema do projeto, como forma simbólica de reconhecimento e valorização da participação da comunidade. As canecas, que continham imagens das próprias mulheres do quilombo utilizadas no folder de divulgação, foram entregues pela orientadora Dra. Fausta Porto, gerando um momento de grande emoção para todas presentes. O presidente da associação ficou responsável por sortear, durante a próxima reunião ordinária da comunidade, mais três canecas entre os moradores, garantindo que esse gesto simbólico alcançasse outras pessoas que não puderam estar presentes.

Em seguida, foram feitos os agradecimentos formais a todos os participantes e, como parte do compromisso ético com a comunidade, foi realizada uma votação entre as mulheres presentes para verificar a aceitação em participar da pesquisa. A proposta foi acolhida por unanimidade, fortalecendo o vínculo entre a pesquisadora e o território. Para encerrar esse encontro de forma afetiva e coletiva, foi servido um café preparado e oferecido pela orientadora, criando um momento de partilha, escuta e convivência.

Posteriormente, realizamos uma visita à escola local, com autorização das professoras, momento em que possível dar um breve “oi” às crianças, trocando sorrisos e afetos. Também visitamos o rio que banha a comunidade, que deságua no Rio das Rãs. No local, compartilhamos

histórias, memórias e reflexões, além de observar os impactos ambientais sofridos pelo rio, o que levantou a preocupação sobre a necessidade de futuras intervenções que promovam a preservação ambiental, articulando saberes tradicionais e práticas sustentáveis.

A visita foi finalizada com um almoço preparado com muito carinho pela mãe da pesquisadora Iara, na casa da família. Foi um momento muito especial, simples e cheio de afeto, no qual pudemos viver uma troca mais íntima, verdadeira e tranquila. Ao redor da mesa, partilhamos não só a comida, mas também sorrisos, histórias e memórias. A pesquisador sentiu-se profundamente acolhida e grata por estar ali, não apenas como pesquisadora, mas como filha da comunidade, como mulher quilombola que retorna ao seu território com um compromisso de respeito, escuta e devolutiva. Esse momento fechou o dia com a força do cuidado coletivo e da ancestralidade viva que nos alimenta em muitos sentidos.

3 Descrição e análise da experiência

Apresentar o projeto de pesquisa na comunidade quilombola de Jurema foi uma experiência única, afetiva e profundamente significativa. Estar de volta ao território de origem, agora como pesquisadora, abriu espaço para reflexão sobre os caminhos trilhados até aqui e sobre a responsabilidade ao produzir conhecimento que se volta para a realidade de mulheres como a pesquisadora, vivem, resistem e constroem suas histórias todos os dias no quilombo.

Fora do espaço acadêmico, naquele reencontro com as mulheres da comunidade, foi possível perceber a força da escuta, do olhar e da palavra partilhada. Em tom de confidência e com a liberdade da oralidade, elas reafirmaram que suas vivências são fontes legítimas de saber e não precisam de mediação teórica para validarem o que sentem, vivem e sabem. Foi um movimento contrário ao apagamento, uma forma de dizer: nós sabemos e temos o direito de dizer como sabemos. Ali, a memória se recusava a ser mercadoria; ela exigia escuta, vínculo e contexto como bem nos ensina Conceição Evaristo (2021), ao afirmar que nossas histórias não podem ser contadas sem considerar quem somos, de onde viemos e para quem falamos. A narrativa por meio do depoimento oral reforça a dimensão coletiva e ancestral da escrevivência. Como enfatiza Evaristo (2021), somos, ao mesmo tempo, sujeito e objeto da escrita.

A proposta da atividade não era apenas apresentar um projeto acadêmico, mas estabelecer um diálogo real com a comunidade, ouvindo, sentindo e aprendendo com as pessoas

que ali vivem. A escuta das mulheres, homens, crianças e do patriarca, seu João Fernandes, trouxe uma dimensão viva e concreta à pesquisa. Suas falas revelaram desafios cotidianos como a desvalorização dos produtos locais, as dificuldades de comercialização, a ausência de incentivo e o impacto das redes sociais nesse contexto. Além disso, temas como o planejamento financeiro familiar, o cuidado coletivo e o papel da mulher quilombola foram tratados com seriedade e sensibilidade. Essas partilhas ampliaram a compreensão sobre o que significa autonomia financeira nesses espaços: não se trata apenas de dinheiro, mas de manter viva a dignidade, o saber e o direito de existir com liberdade.

O início daquele diálogo com as histórias de Seu João nos sensibilizou profundamente. Sua fala carregava uma sabedoria ancestral, transmitida com humildade e serenidade. Ao relembrar seus antepassados, ele nos tocou de forma intensa, como se cada palavra trouxesse consigo um pedaço da história da comunidade. Quando perguntamos o que ele mais gostava na Jurema, seus olhos brilharam e ele respondeu com simplicidade e emoção: “Muito bonita a Jurema. Muito bonito. Beleza”. Essa resposta, embora breve, dizia muito, havia ali amor pelo território, pertencimento e memória. Perguntamos então: “Seu João, o que mais o senhor pode nos contar? O senhor é o mais velho da comunidade?”. Assim ele seguiu, com calma e firmeza, nos presenteando com fragmentos de um tempo que vive nele e se mantém vivo através da oralidade. Além das memórias do patriarca, também ecoaram fortemente as vozes das mulheres, que compartilharam experiências de luta, resistência e cuidado no território

> O que eu mais gosto daqui é porque eu nasci e criei, minha família tudo é aqui e o amizade... o amizade que eu tenho aqui, do meu nascimento. É. Da família pela parte de meu pai, pela parte de minha mãe ‘tá sendo o mais idoso que tem é eu, com 91 anos. Da família, da minha família, o mais idoso que ‘tá tendo é eu [...] Do desmatamento... essas moradas tudo é nova, de 50 anos pra cá... Essa benfeitoria aqui foi meus pai, meus avô que desmatou isso aqui tudo, aqui era mata. Até onça nós matemo, eu mesmo matei uma acolá, ó (João, 91 anos, 2025, relato oral).

Em tom de confidência e com a liberdade da oralidade, as mulheres reafirmaram suas vivências como fonte legítima de conhecimento. Não há distanciamento – o que elas sabem vem da vida, do corpo, da terra. Trata-se de um movimento contrário ao apagamento: é a memória que se recusa a ser mercadoria, que exige escuta, vínculo e contexto, como nos ensina Conceição Evaristo (2021). Afinal, como diz Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 16), mais

conhecido como Nego Bispo: "[...] enquanto a sociedade se faz com os iguais, a comunidade se faz com os diversos. Nós somos os diversas, os cosmológicos, os naturais, os orgânicos". Essa experiência reafirmou que, mais do que produzir ciência, estamos (re)tecendo caminhos de cuidado, pertencimento e cura coletiva.

Sobre isso, bell hooks (2013) ressalta a importância da narrativa oral como forma legítima de produção de conhecimento entre mulheres negras, afirmando que a voz é muitas vezes o primeiro instrumento de resistência. Ela também denuncia o modo como mulheres brancas, sobretudo em espaços acadêmicos, frequentemente se apropriam das teorias produzidas por mulheres negras sem reconhecer suas origens, usos, ou compromissos éticos: "Elas tomavam emprestado o trabalho das mulheres negras sem nunca reconhecer sua fonte, como se pudessem usar as ideias como mercadoria, separadas das experiências que as produziram" (hooks, 2013, p. 169).

O encontro mostrou que há uma potência econômica latente no quilombo, mas que ela só pode florescer a partir da valorização interna, da organização comunitária e do fortalecimento de laços de apoio entre os próprios moradores. Também foi possível perceber como a ancestralidade se faz presente no dia a dia da comunidade, seja nos gestos de cuidado, nas histórias compartilhadas, nas resistências silenciosas ou nos modos de viver que se conectam com a terra, com a memória e com o afeto. Aquilombar-se, nesse sentido, é mais do que ocupar um território: é ser território. É buscar nas raízes a força para resistir, como ensina o princípio africano Sankofa, que nos orienta a olhar para trás e resgatar o que é essencial para caminhar adiante. E se cada cabeça é um quilombo, como nos lembra Beatriz Nascimento (1989), então aquilombar-se é também um ato político, um modo de estar no mundo com consciência, coragem e coletividade. Essa experiência reafirmou que produzir conhecimento desde o quilombo é também construir cura, memória e autonomia. Mais do que pesquisar sobre, é pesquisar com o de dentro, com afeto e com verdade.

As falas das mulheres ecoam também no campo teórico, especialmente no que se refere à interseccionalidade, conforme discutem autoras como Collins e Bilge (2020), que nos mostra que, para as mulheres negras, as opressões não se limitam a uma única dimensão, mas se sobrepõem de maneira complexa, criando uma rede de desafios específicos que essas mulheres.

Esse aspecto de resistência se conecta também com as ideias de Carla Akotirene (2019), que aponta a necessidade de políticas públicas e ações afirmativas que levem em consideração as múltiplas opressões que as mulheres negras enfrentam.

A partir da perspectiva interseccional que articula gênero, raça e classe, o feminismo negro tem sido fundamental para compreender as múltiplas formas de opressão vivenciadas pelas mulheres quilombolas. Segundo Carneiro (2011), as mulheres negras estão sujeitas a um processo simultâneo de discriminação racial e de gênero, o que as posiciona em uma situação de marginalização histórica. Essa condição se reflete em dificuldades de acesso a direitos básicos, como educação, saúde, terra e políticas públicas direcionadas (Silva, 2015).

Tomando como exemplo “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus (1960), fica evidente que, mesmo diante da escassez extrema, ela encontrou formas de resistência, seja ao organizar sua vida em torno de um orçamento apertado, seja ao buscar alternativas para garantir o sustento de seus filhos. Essas estratégias de sobrevivência, que muitas vezes envolvem a gestão cuidadosa dos recursos limitados, refletem a habilidade das mulheres negras de construir autonomia mesmo em contextos de exclusão e desigualdade que enfrentam diariamente.

Silva (2020) destaca que as mulheres quilombolas desempenham um papel fundamental na preservação da memória coletiva e na transmissão de saberes dentro dos territórios quilombolas. São responsáveis por conservar e compartilhar, entre gerações, estratégias de luta e resistência, bem como diferentes formas de conhecimento, que articulam saberes tradicionais e científicos. Assim, atuam como guardiãs da pluralidade de saberes presentes nas dinâmicas comunitárias.

Corroborando, Dealdina (2020) enfatiza que as mulheres quilombolas exercem um papel central nas lutas por resistência e pela garantia dos direitos territoriais, atuando ativamente na defesa, manutenção e regularização dos territórios quilombolas. Seja no campo ou na cidade, essas mulheres se tornam guardiãs das tradições afro-brasileiras, zelando pelo sagrado, pelo cuidado com os filhos e filhas, pelos saberes dos griôs, pela agricultura, pelas sementes e pela preservação dos recursos naturais essenciais à vida coletiva.

4 Considerações finais

A vivência no Quilombo de Jurema, ao apresentar o projeto de pesquisa, reafirmou que produzir conhecimento a partir de territórios tradicionais é um ato de escuta, respeito e compromisso ético. Foi mais do que uma etapa acadêmica: foi um retorno às raízes, um reencontro com a força das mulheres que sustentam a comunidade com seus saberes, afetos e resistências cotidianas. Essa experiência me mostrou que pesquisar com e desde o quilombo é um exercício de cura coletiva, de valorização da memória e de construção de autonomia que ultrapassa os limites do discurso teórico.

Aprendemos que o saber nasce do chão, da vida partilhada, da escuta sensível e da ancestralidade que pulsa nas práticas comunitárias. Levamos conosco a certeza de que a ciência precisa estar comprometida com a transformação social e que a pesquisa deve devolver à comunidade aquilo que dela partiu: reconhecimento, visibilidade e dignidade. Por fim, reafirmamos meu compromisso com uma produção de conhecimento que seja enraizada, sensível e politicamente implicada uma escrita que não apenas fale sobre o quilombo, mas fale com ele, de dentro, com afeto, verdade e resistência.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Portal Geledés**, 6 mar. 2011. Disponível em: https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-americalatina-partir-de-uma-perspectiva-degenero/?gad_source=1&gclid=Cj0KCQjwqcO_BhDaARIsACz62vNwexkpC7TuEs1gTDZPQGpupH_jsUxsnoTh2TKh14cZnuen-onmW_ EaArSUEALw_wcB. Acesso em: 19 jul. 2025.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

DEALDINA, Selma dos Santos. Mulheres quilombolas: defendendo o território, combatendo o racismo e despatriarcalizando a política. *In*: DEALDINA, Selma dos Santos (org.) **Mulheres quilombolas:** territórios de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020. p. 25-44.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência: escrevendo a vida como quem luta. *In*: CARNEIRO, Sueli (org.). **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Nandyala, 2021. Prefácio.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Nandyala, 2021.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Livraria F. Alves, 1960.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Revista Afrodiáspora**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 6-7, p. 41-49, 1989. Disponível em: https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/afrodi_spora_-_volume_6_e_7. Acesso em: 24 jul. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SILVA, Ana Célia da. **Mulheres negras e quilombolas**: resistência, trabalho e políticas públicas. Salvador: EDUFBA, 2015.

SILVA, Givânia Maria. Mulheres quilombolas: afirmando o território na luta, resistência e insurgência negra feminina. *In*: DEALDINA, Selma dos Santos (org.). **Mulheres quilombolas**: territórios de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020. p.51-58.